

Ramonildes Alves Gomes
*Doutora em sociologia, Professora do Programa de Pós-Graduação
em Ciências Sociais (PPGCS/UFPG)*
E-mail: *rmildes@hotmail.com*

Raízes

Vol. 25, Nºs 1 e 2, jan.–dez./2006

Trabalho recebido em:
07/03/2007

Aprovado para publicação em:
22/06/2007

CONSTRUINDO OBJETOS NA PESQUISA SOCIAL: QUALIDADE DE VIDA, MÉTODO E CRIATIVIDADE

RESUMO

Neste artigo, busca-se apresentar a experiência de construção de um objeto de pesquisa referenciado pelo conceito de qualidade de vida, privilegiando estratégias metodológicas e combinações de técnicas, a partir de um estudo qualitativo, tendo como núcleo de análise as trajetórias de vida das famílias colonas do Perímetro Irrigado de São Gonçalo (PISG), localizado no município de Sousa, na Paraíba.

Palavras-chave: metodologia, pesquisa social, qualidade de vida

BUILDING OBJECTS IN SOCIAL RESEARCH: LIFE QUALITY, METHOD AND CREATIVITY

ABSTRACT

In this article we aim to present the experience of construction of a research object referred by the concept of life quality, privileging methodological strategies and technical combinations, starting from a qualitative study and having as analysis core life trajectories of families settled at the Irrigated Perimeter of São Gonçalo (Paraíba, Brazil).

Key words: methodology, social research, life quality

1. INTRODUÇÃO

Num dos seus volumes anteriores, a revista *Raízes* publicou um artigo de autoria da Professora Delma Pessanha Neves (1998, 68-77), intitulado “Os dados quantitativos e os imponderáveis da vida social”. Neste, a autora ressalta os limites das discussões travadas, tanto no campo da epistemologia, quanto da metodologia, acerca dos usos e das especificidades dos métodos quantitativos e qualitativos e assinala que, na maioria das vezes, esta discussão fica restrita a polarização da eficácia de um ou de outro, deixando de lado o fulcro da questão, o reconhecimento da especificidade de cada método para construir objetos e alcançar objetivos.

Neste artigo, pretendemos retomar esta discussão, porém explorando o método qualitativo, enquanto instrumental epistemológico para apreensão da realidade empírica. Ou seja, analisaremos a experiência de construção de um objeto de pesquisa referenciado pelo conceito de qualidade de vida, historicamente pensado e mensurado quantitativamente. Para tanto, utilizaremos uma abordagem qualitativa, baseada na trajetória de vida e na oralidade dos sujeitos sociais, o que possibilitará a abertura de um diálogo com a teoria e com processos de intervenção, como o planejamento de políticas de combate à pobreza e às desigualdades sociais.

2. INFORMANDO SOBRE O CONCEITO DE QUALIDADE DE VIDA

Desde os tempos mais remotos, a preocupação com a conquista de uma vida “boa”, idealmente desejada para os indivíduos, tem se colocado como desafio, inquietando tanto cientistas, políticos e militantes dos movimentos sociais, quanto governantes, chefes de estado e gestores de políticas públicas.

Apreender a qualidade de vida como objeto científico das ciências sociais requer um esforço extra, já que este é um conceito que há muito vem sendo trabalhado pela demografia e pela estatística, através de indicadores sociais quantitativamente mensuráveis. A construção de uma abordagem sociológica da qualidade de vida implica em incluir subjetividades, símbolos e todo um conjunto de aspectos não considerados nas abordagens tradicionais.

O termo qualidade é, em si, passível de uma infinidade de interpretações, desde uma simples avaliação do senso comum até à compreensão e o domínio dos aspectos mais profundos, constitutivos de um determinado objeto ou si-

tuação concreta. Analisar a qualidade de alguma idéia, objeto ou situação pode significar inferir sobre o valor objetivo e a substância constitutiva desta, mas, pode, também, implicar na apreciação subjetiva feita por um indivíduo num determinado tempo e espaço, com relação a certas noções ideais e ao universo cultural e moral de quem os aprecia.

Nesse artigo, a questão que pretendemos enfrentar refere-se ao fato de que tendo a vida social diferentes formas de manifestações, estabelecer uma medida padrão e definir uma metodologia única para inferir sobre a qualidade de vida mais que um erro é um paradoxo conceitual. Defenderemos que, embora comumente as pessoas falem da qualidade de vida como um conceito naturalizado, aceito quase consensualmente como sinônimo de bem-estar, ou um padrão de vida, a que todas as pessoas devam chegar, seria necessário nas pesquisas, considerar as especificidades e particularidades históricas e culturais das populações estudadas.

De fato, não há uma definição precisa, um patamar que estabeleça qual o padrão de vida ideal para todas as pessoas independentemente da realidade na qual elas estão inseridas. Nesse sentido, a contribuição deste artigo consiste em apresentar estratégias metodológicas e combinações de técnicas que possibilitem apreender aspectos quantitativamente imponderáveis, mas que se inserem no plano concreto e real da vida dos indivíduos e grupos, quando é discutida a questão da qualidade de vida. Faremos isso a partir da análise de uma experiência de pesquisa que tem como sujeitos as famílias colonas do Perímetro Irrigado de São Gonçalo (PISG), localizado no município de Sousa, na Paraíba.

Em geral, as definições sobre qualidade de vida são etnocêntricas e generalizantes, no sentido de que é escolhido um padrão de vida e se procura aproximar a experiência dos indivíduos desse padrão pré-estabelecido. Essa aproximação possibilita classificar a qualidade de vida em boa, ruim, regular. Outras vezes, as definições expressam um sentido normativo e disciplinador, determinando um modelo ideal de vida que todas as pessoas deveriam perseguir para ter “qualidade de vida”, como se qualquer outra maneira de viver que fuja a esse modelo não tivesse qualidade. Todas essas avaliações desconsideram um princípio que para nós é básico, o de que a avaliação substancial sobre a vida de alguém deverá ser feita pelos próprios sujeitos da experiência.

Essa qualidade de vida idealizada, padronizada é de algum modo um conceito que se instaura na modernida-

de e que implica numa tendência de inclusão, cada vez maior, dos indivíduos na sociedade de consumo. Estamos falando de uma noção de qualidade de vida definida a partir da sociedade ocidental, complexa e para um indivíduo que se pensa soberano, cujas necessidades, desejos e interesses são resultantes de um processo de interação relacional que se configura pela internalização do exterior e pela externalização do interior, através da ação dos homens no mundo social.

Seguindo uma orientação oposta à apresentada acima, procuramos avaliar a qualidade de vida considerando os processos pelos quais se materializa em cenários sócio-históricos em espaços diversos, urbanos e rurais. Estes processos se refletem nas mudanças que transformam as sociedades, tornando-as, cada vez mais, complexas, racionalizadas e criadoras de necessidades. Destacam-se aqui, alguns dos problemas que repercutem no cotidiano e na trajetória de vida dos indivíduos, alterando, portanto, a sua qualidade de vida, a saber: a degradação sócio-ambiental, a violência urbana e rural, os limites do Estado no planejamento e promoção de políticas públicas e os conflitos étnicos e culturais.

Estas questões provocam mudanças que têm desdobramentos epistemológicos, teóricos, metodológicos e políticos e que interessam tanto aos cientistas, acadêmicos, políticos, militantes quanto à sociedade em geral, na medida em que questiona as formas de organização dos indivíduos, afetando o seu modo e estilo de vida. Assim, a opção metodológica é também uma opção política que não pretendemos que seja neutra, como explica Bourdieu *et al.* (2004: 54)

A ilusão de que as operações “axiologicamente neutras” são também “epistemologicamente neutras” limita a crítica de um trabalho sociológico, o próprio ou o dos outros, ao exame sempre fácil e muitas vezes estéril, de seus pressupostos ideológicos e de seus valores últimos. O debate sem fim sobre a “neutralidade axiológica” serve, quase sem-

pre, de substituto à discussão propriamente epistemológica sobre a “neutralidade metodológica” das técnicas e, por motivo, fornece uma nova caução à ilusão positivista (...).

A pretensão não é afirmar um conceito de qualidade de vida que seja único e inquestionável e traduzi-lo na forma de um índice. Contrariamente, traduzimos qualidade de vida como princípios, racionalidades, bens e serviços que os indivíduos priorizam como indispensáveis para a sua qualidade de vida; e procuramos traçar um percurso metodológico que explique como estes princípios fundamentam as escolhas e o valor atribuído subjetivamente a certos bens. Fizemos isso, a partir de um estudo de caso, realizado com as famílias que residem no Perímetro Irrigado de São Gonçalo (PISG).

A partir de um estudo etnográfico que teve como foco as trajetórias de vida narradas pelas famílias do PISG, as ações e as representações sociais observadas no cotidiano dos núcleos habitacionais ou agrovilas, constatamos que esta estratégia de pesquisa permitiu a compreensão de que é na vida diária que os indivíduos e grupos transformam necessidades em demandas e atribuem sentidos aos bens¹, elegendo-os como necessários a uma vida boa, prazerosa e livre.

Consideramos, portanto, que a qualidade de vida na sociedade moderna está relacionada ao estilo de vida que identifica os grupos. Nesta experiência de pesquisa constatamos que os informantes adotam a situação e o momento anterior da vida no sítio² como referência para definir a sua qualidade de vida. Privilegiam em suas narrativas aspectos como a família, o lugar, enquanto espaço de trabalho e de moradia, a realização pessoal, através do trabalho na terra e a possibilidade de dar continuidade a um projeto de vida, que envolve tanto o patrimônio quanto o grupo familiar.

Para as famílias, a valorização desses aspectos se traduz, concretamente, em dimensões como poder oferecer

¹ Aristóteles (2003: 44) desenvolveu a seguinte análise para o termo bem: segundo ele, tanto é possível falar de “Bem” enquanto categoria de substância, como qualidade e ainda, como relação. Aristóteles explica que: “(...) na categoria substância, o bem é utilizado como predicado, na categoria qualidade, para fazer referência às diversas formas de virtude e, na categoria de relação, por exemplo, para explicar a oportunidade apropriada, o lugar conveniente, etc”.

² O “sítio” que emerge nas falas desses informantes não tem, exatamente, a mesma referência do sítio descrito por Klass Woortmann e Ellen Woortmann (1997) e, particularmente por Ellen Woortmann (1981; 1983), ou seja, “o sítio como categoria analítica que corresponde a uma parcela camponesa produtiva, composta de partes articuladas (espaço da moradia – casa e espaço da produção – roça) de propriedade do grupo doméstico e dos membros que dele descendem” (Woortmann E, 1981: 70). Para as famílias do PISG, em geral, o sítio é a referência do lugar de origem, onde os informantes e/ou seus antecessores viviam como proprietários (a menoria), ou na condição de moradores, arrendatários e parceiros (a maioria).

estudo aos filhos e, conseqüentemente, a chance de eles mesmos escolherem outros caminhos para realização profissional e pessoal, ampliando as possibilidades de melhorias das condições de vida do grupo³. Morar numa casa capaz de abrigar todos os membros, dispor de água, energia elétrica e transporte fazem parte do seu desejo. Como também ter um trabalho para assegurar a manutenção do grupo familiar e ampliar as possibilidades de consumo. Além disso, essas famílias querem sentir-se seguras e tranquilas numa comunidade regida por instituições que se baseiam em relações fortes de reciprocidade, vizinhança e compadrio.

O estilo de vida influencia na organização e na qualidade das relações sociais, assim como as disposições culturais. A essa capacidade dos agentes, Bourdieu (1983) vai denominar de *habitus*⁴ e definir como um conjunto de disposições éticas e estéticas identificáveis nos sistemas culturais. A qualidade de vida das famílias colonas, tal como procuramos traduzir, é representada pelo conhecimento praxiológico que reúne relações e aspectos de natureza objetiva e subjetiva, construídas num processo dialógico entre as estruturas estruturantes e as disposições internalizadas.

3. INSTRUMENTALIZANDO A PESQUISA: A CONSTRUÇÃO DO OBJETO

Ter um conceito instrumental sobre qualidade de vida seria a base para a elaboração de indicadores que, certamente, ajudariam a compreender a questão. Os estudos sobre qualidade de vida reforçam o enfoque da mensuração, definindo-a por uma métrica e um padrão, que permitiriam avaliar o acesso que indivíduos e grupos têm aos bens e serviços, característicos da sociedade de consumo.

Refletir sobre a qualidade de vida não consiste apenas na simples atribuição de adjetivos a um determinado modo de vida, mas implica em enfrentar questões como as enunciadas a seguir: quais são as condições básicas capazes de

garantir uma vida digna aos indivíduos? e quem as determina? Além disso, refletir sobre a qualidade de vida significa pensar medidas para eliminar a miséria, a desigualdade e as injustiças sociais.

Ao aceitar a tese de que a qualidade de vida não é um conceito que se reduz apenas a um índice geral, pronto para ser aplicado a qualquer realidade, defendemos que ele deve ser pensado como um conceito fundamentado num conjunto de elementos internalizados na trajetória de vida dos grupos, sendo, portanto, subjetivo e intersubjetivo. Desse modo, procuramos construir um objeto de pesquisa que, respeitando o rigor exigido na elaboração do discurso científico, fosse capaz de tomar como matéria prima os fios da experiência e da vivência das famílias colonas no PISG.

Contrariando a tendência da avaliação quantitativa, para a construção do conceito de qualidade de vida utilizamos neste estudo mecanismos de interpretação semelhante a hermenêutica compreensiva, quer dizer, um modo de estudar os acontecimentos dentro de um contexto relacional e histórico, “reencontrando o eu no tu” (Alberti, 2004: 17). Neste caso, considerando o julgamento feito pelos próprios informantes – as famílias colonas – acerca dos princípios que fundamentam a percepção delas sobre a qualidade de vida no Perímetro Irrigado de São Gonçalo (PISG).

O fato de ter tido um contato anterior com as famílias do PISG abriu caminho para a realização de pesquisas futuras, ao mesmo tempo, que nos impôs a necessidade de romper com a familiaridade que distorce o olhar do pesquisador, à medida que produz continuamente concepções e sistematizações fictícias (Bourdieu *et al.*, 2004: 23).

Ao descrevermos o PISG, as condições de infra-estrutura física do projeto (canais, drenos e poços), as condições ambientais relacionadas ao solo, ao clima e à água, às temperaturas elevadas, aos altos índices de evaporação e às chuvas irregulares, concluímos que todos estes aspectos afetam as condições de trabalho, comercialização e, conseqüentemente, a sobrevivência das famílias.

³ É importante esclarecer que, em diversos momentos do texto utilizaremos o termo “grupo”, algumas vezes para fazer referência ao grupo doméstico, ao conjunto de indivíduos que, vivendo ou não na mesma casa, possuem uma economia doméstica comum (Tepicht, 1973); (Galeski, 1979). E, outras vezes, dependendo do contexto da narrativa o termo grupo refere-se ao conjunto das famílias colonas que residem nos núcleos habitacionais e/ou agrovilas do PISG.

⁴ Por *habitus* entende-se, segundo Bourdieu (1983:16), “um sistema de disposições internalizadas, duráveis e intransponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, enquanto princípios geradores e organizadores de práticas e representações (...)”. O *habitus* é um sistema de disposições formado no curso da história coletiva e adquirido no curso das histórias individuais (Setton; 2000-2001.47-71).

Ante essa realidade desfavorável, formulamos alguns questionamentos que embasaram os objetivos da pesquisa, assim como ajudaram a definir as questões de pesquisa: a) em que medida uma vida de privação pode influenciar na escolha dos bens que definem a qualidade de vida das famílias do PISG?, b) que princípios são utilizados pelas famílias na elaboração dos juízos que avaliam a qualidade das suas vidas?

No contato inicial com os informantes, percebíamos que as pessoas falavam sobre algo que seria difícil representar quantitativamente. Na realidade, essas falas expressavam uma auto-avaliação das famílias sobre as suas vidas, considerando a precariedade da vida no sítio, a continuidade de um modo de vida (de sitiante) e a aceitação de um novo estilo de vida (do irrigante).

A análise das narrativas coletadas indicam que a qualidade de vida é definida pela articulação de valores e condições que possibilitam a realização de um projeto de vida e a estruturação de certas práticas sociais. Entre esses valores destaca-se a indissociabilidade dos elementos terra, trabalho, família, presentes na tradição camponesa. E, quanto às condições, podemos citar os conhecimentos relacionados à formação do colono irrigante, tais como o acesso à água, ao saber técnico, a um novo modo e estilo de vida, do chefe de família, produtor e administrador do seu próprio lote.

A trajetória das famílias colonas, especialmente a origem como sitiantes vai revelar como os elementos terra, trabalho, família e água influenciam na produção dos valores e de uma ordem moral que conformam uma identidade – do sitiante/irrigante. Assim, para elas, a terra não representa apenas o lugar onde se realiza o trabalho, mas é a expressão de uma moralidade. O trabalho não constrói apenas mercadorias, mas constrói valores e significados, e a família não é um grupo que produz simplesmente o valor trabalho, mas o valor-família em si (Woortmann, 1990).

Podemos dizer, então, que o conceito de qualidade de vida dessas famílias é o resultado de uma combinação entre o modo de vida do sitiante, marcado pelos valores mencionados anteriormente e o modo de vida do colono irrigan-

te, idealizado pelo DNOCS. A confluência de expectativas entre os projetos das famílias e os projetos do DNOCS vai gerar tensões que, de modo dicotômico, perpassam os diversos planos dessa realidade. A partir de certo momento, o DNOCS avalia que o PISG foi um investimento em vão, na medida em que não houve aumento do emprego nas áreas de irrigação, nem de renda e a produção está sendo dominada pelos produtos agrícolas tradicionais (algodão, arroz, milho e feijão). Já para a maioria das famílias, o PISG representa uma conquista vitoriosa, porque conseguiram uma casa para morar num lugar tranquilo, uma terra para trabalhar e criar os filhos. Enfim, uma comunidade na qual se sentem seguras e amparadas.

A oportunidade de se tornar irrigantes permitiu o acesso das famílias ao mercado, aumentou a capacidade de consumo e possibilitou a realização de outros projetos, muitas vezes realizados fora do projeto de irrigação, mas voltados para a melhoria das condições de vida dentro dele. Essa tensão explica uma trajetória de campesinidade, na qual as famílias tiveram que se adaptar às circunstâncias históricas, econômicas, sociais e políticas para se tornarem irrigantes, sem romper necessariamente com um passado como sitiantes.

Essa hipótese, em certa medida, está fundamentada na idéia dos modelos original⁵ e final, propostos por Hugues Lamarche⁶. Para esta situação específica, o modelo original – seria o modelo da agricultura camponesa ou de subsistência, que está relacionado à origem dessas famílias – , e o modelo final – que seria o modelo empresa familiar, relacionado à continuidade, ao presente e ao futuro das mesmas.

4. A SISTEMATIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES E OS IMPONDERÁVEIS DA VIDA SOCIAL

Não descurar dos detalhes, das informações ainda vagas que, por vezes, podem parecer sem nexos, é fundamental no ato de pesquisar. Wright Mills *apud* Oliveira (1998) assinala que pesquisar não se restringe a absorver técni-

⁵ Ainda que não tenhamos encontrado esses modelos na forma absoluta, utilizaremos as definições dos modelos descritos por Lamarche (1993:68) para definir agricultura camponesa ou de subsistência, caracterizados “por uma forte predominância das lógicas familiares e uma fraca dependência em relação ao exterior”; diferentemente do modelo empresa familiar no qual “A organização do trabalho estrutura-se principalmente em torno da mão-de-obra, o patrimônio é uma noção exclusivamente familiar e o futuro da unidade de produção é pensado em termos de reprodução familiar”.

⁶ Os modelos – original e final – foram propostos por Hugues Lamarche em pesquisa comparativa internacional, cujo objetivo era compreender a adaptação da agricultura familiar a contextos econômicos, sociais e políticos em cinco países. Sobre a aplicação dos modelos Lamarche (1993; 1994).

cas, mas em refinar a sensibilidade e ampliar horizontes de compreensão. Seguindo estes pressupostos procuramos estruturar as informações e os argumentos em três grandes eixos, assumindo como ponto de partida a reconstrução da biografia e a trajetória dos colonos. São eles: a vida no sítio, por um lado, marcada pela precariedade das relações e condições de trabalho, pela privação de bens e serviços e, por outro lado, por uma autonomia relativa para viver e produzir de acordo com os conhecimentos herdados e com a ordem moral que legitima e identifica o próprio grupo. A vida no PISG – instalação e consolidação, retratada pela expectativa da construção de um novo projeto de vida, pelas tensões entre o DNOCS e as famílias colonas durante a fase de implantação e consolidação do Projeto; a criação e a falência da Cooperativa; as distintas concepções de família e de trabalho; a vida social nas agrovilas e a relação campo-cidade. A vida no PISG – crises e continuidades, o processo de emancipação e o abandono do DNOCS, os processos de diferenciação entre as famílias, os novos valores e costumes, mudanças que afetam a vida social do grupo, principalmente dos jovens.

As famílias colonas de São Gonçalo têm como característica o fato de serem numerosas e manterem laços extensos de parentesco. Em alguns casos, chegam a formar verdadeiras parentelas, ou seja, o tipo de família definida por Lia Fukui (1980 s/p) como:

“(...) um grupo de parentesco de sangue, formado por várias famílias nucleares e algumas famílias grandes, vivendo cada qual em sua moradia, em geral, são economicamente independentes umas das outras, mantendo entre si uma teia de obrigações recíprocas”.

A pesquisa teve dois focos de investigação. O primeiro deles, com objetivo de perceber como as famílias organizaram suas vidas dentro da comunidade e, ao mesmo tempo, como elas agem na construção dos espaços no PISG. Sabemos que a qualidade de vida dessas famílias está intrinsecamente ligada às condições que asseguram a permanência do

grupo, à proximidade e à sociabilidade da parentela⁷.

O segundo foco da investigação recaiu sobre o domicílio, a família como grupo de pessoas com laços de parentesco que residem na mesma casa. Fizeram parte do grupo de informantes, as famílias dos colonos, selecionados pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS). Nesse caso, foram incluídos, colonos que receberam lote, os que compraram benfeitorias e seus filhos. Em cada família, foi privilegiada a fala do pai, da mãe e de um dos filhos, independentemente do estado civil e do sexo. A única restrição imposta foi referente à idade pois foram considerados, apenas, os filhos com idade superior a 14 anos⁸.

O trabalho de campo foi realizado no período de um ano e quatro meses e foi sistematizado em três etapas. A primeira restringiu-se ao levantamento geral das informações, incluindo dados relativos à área, à população residente e aos dados físicos para escolha das famílias que seriam informantes; o número de unidades domésticas de cada núcleo; as relações de parentesco; a religiosidade e o nível de instrução. Procuramos identificar, também, as lideranças locais, os problemas mais emergentes, os espaços e as formas de sociabilidade. Esta etapa inicial do trabalho foi intermediada pelos funcionários do DNOCS, especialmente as assistentes sociais e um técnico que, ao percorrerem toda a área do Perímetro, iam, ao mesmo tempo, revelando fatos e histórias sobre a construção do lugar, o universo cultural das famílias e da própria relação do órgão gestor do Perímetro com as unidades familiares.

A segunda etapa foi marcada pelas viagens, pelas idas e vindas aos núcleos habitacionais, as quais tiveram o intuito de transformar o exótico em familiar, através do contato direto com as famílias. Este foi um processo denominado, carinhosamente, como “momento da paquera”, caracterizado pela conquista das pessoas que consistia numa observação totalmente assistemática, porém, com o objetivo de aproximação, sem que parecesse invasão. Era importante que as pessoas permitissem adentrar suas casas e participar com elas dos momentos reservados para

⁷ Martine Segalen (1996) define a parentela camponesa, como “uma constelação flexível de parentes com a qual podemos optar por manter ou não relações. A parentela camponesa determina redes que unem entre si os diversos grupos domésticos aparentados. Podemos representá-los como elos que vão de um lar a outro e ao longo dos quais circulam informações, entre ajuda, bens e serviços, mas também rivalidades e querelas”.

⁸ O motivo dessa restrição foi em primeiro lugar, para não ter que adentrar no universo lúdico e simbólico das crianças e adolescentes. Uma vez incluindo informantes dentro dessa faixa etária, seria necessário explicar e estabelecer comparações entre dois universos, adulto e juvenil; em segundo lugar, porque as impressões que marcaram a vida, no período da infância, seriam apreendidas na medida em que fosse resgatada a trajetória de vida dos informantes, fato que exigiria, portanto, as pessoas fazerem o caminho de volta ao tempo e ao espaço em que eram crianças ou adolescentes, assim como, ao tempo de solteiro, às brincadeiras, à casa dos pais e à vida antes de vir para o Perímetro.

as refeições e o repouso ao meio dia e à noite. Muitas foram as situações-problemas presenciadas e até compartilhadas, de discussões relativas à orientação dos filhos, aos conflitos de valores, às dores, às perdas, dos desentendimentos conjugais e as fofocas de vizinhos.

A última etapa consistiu em encontrar o momento mais apropriado para registrar as informações, utilizando o gravador e a câmera fotográfica. Esta foi a etapa mais demorada e mais difícil, uma espécie de momento impar, último capítulo e, que tinha sempre o tom de despedida, a certeza de que, tão cedo, a pesquisadora não voltaria a conversar com aquelas pessoas.

Nas primeiras visitas ao PISG, quando ainda não tínhamos certezas dos instrumentos de pesquisa que seriam adotados na fase de coleta dos dados e informações, foram testados dois instrumentos: o questionário e a entrevista semi-estruturada. A idéia de utilizar o questionário justificava-se devido ao fato de que, muitos autores que abordam, centralmente, o tema da Qualidade de Vida em seus trabalhos adotaram esta técnica de pesquisa. São eles: Guerrero & Hoyos (1983), Alves (1986), Vieira (2000) e, mais recentemente, o próprio Banco Mundial, a partir do Relatório do Índice de Desenvolvimento Humano (RIDH), que também utiliza o questionário para coletar informações e inferir sobre qualidade de vida.

O teste dos instrumentos revelou que o questionário praticamente induzia a resposta das pessoas, uma vez que os princípios utilizados para mapear a qualidade de vida das famílias eram sugeridos, nos indicadores pré-definidos e que se apresentavam explicitamente nas alternativas que compunham as respostas. Já a entrevista, ainda que fosse semi-estruturada, permitia explorar com uma maior profundidade, amplitude e liberdade, as respostas. Além disso, era possível associar os gestos, as emoções e as omissões aos fatos verbalizados, ao contexto e aos princípios transfigurados nos valores atribuídos pelas pessoas a uma série de elementos materiais e imateriais que esboçam qualificativos sobre as suas vidas.

As dificuldades percebidas no uso desta técnica foram, basicamente, as intromissões das outras pessoas, vizinhos e familiares, muitas vezes, impondo momentos de pausas e interrupções verbais e até no próprio curso do pensamento e, por conseguinte, a quebra de raciocínio impossibilitando, assim, seguir o roteiro proposto.

Não sendo o uso da oralidade uma exclusividade apenas da História como afirmara Le Goff (1984: 236), a utilização de depoimentos orais revelou-se um caminho fértil aberto por sociólogos e antropólogos, entre estes, Edward

Thompson (1984) e Maria Izaura Pereira de Queiroz (1983). Utilizamos, de maneira combinada, procedimentos de pesquisa que se inserem em abordagens qualitativas entre os quais, a observação, cujos detalhes foram registrados num diário de campo, as entrevistas semi-estruturadas com relatos orais, focados nas trajetórias de vida, gravadas e transcritas. Desse modo, a trajetória de vida narrada pelos informantes foi um dos principais instrumentos metodológicos usados na construção desse trabalho, por entender que a trajetória é adequada aos estudos que se propõem a compreender e a traduzir um contexto vivenciado, especificamente, por um grupo de pessoas. Este caminho metodológico possibilitou fazer uma leitura das informações, combinando narrativas, comportamentos e representações, assim como a relação que os elementos desses campos mantêm entre si (Weber, 1996: 163-183).

5. MÉTODOS, TÉCNICAS, FUNDAMENTOS E PROCESSOS

A utilização de dois ou mais instrumentos de coleta de dados possibilitou uma construção mais flexível do próprio trabalho, tendo este contemplado, ao mesmo tempo, as impressões do pesquisador e as representações dos informantes. A técnica da observação foi usada, continuamente, durante todo tempo de realização da pesquisa de campo.

Entre os aspectos observados, destacaremos aqueles considerados mais interessantes para a compreensão da qualidade de vida das famílias do PISG. Para compreender os princípios que ancoram essa qualidade de vida, ressaltamos a sociabilidade nesses espaços como foco da técnica de observação. Como já foi mencionado, o trabalho de investigação teve dois focos de análise, a família e o PISG. Em relação ao lugar – O PISG, observamos a interação entre as famílias e entre as famílias e os órgãos executores de políticas públicas. Já em relação aos grupos familiares, observamos os processos de negociação dos projetos e a definição dos objetivos das famílias, a produção e transmissão de valores e a internalização da ordem moral do grupo.

Barros (1997) assinala que, nas histórias de vida, os relatos se adensam nos momentos em que as pessoas se recordam das mudanças na trajetória de vida. Constatamos que os cortes temporais feitos pelos indivíduos nas narrativas induziram a busca dos princípios que referenciam a sua qualidade de vida. Ao mesmo tempo, os fatos recordados denotam uma relação dualista entre o tempo do sítio – ‘quando eu trabalhava de morador, quando produzia na faixa seca, quando não tinha a terra e nem a casa’,

e o tempo do PISG – ‘quando passei pra ser colono, quando comecei a trabalhar na irrigação, quando consegui ter um canto pra morar e trabalhar’.

Através da observação, identificamos também que as representações dos indivíduos particulares divergem das representações dos indivíduos coletivos no tocante à qualidade das suas vidas. Estas divergências guardam particularidades justificadas pela própria trajetória de vida das famílias e singularidades individuais que se expressam nos princípios adotados pelos sujeitos da pesquisa e que tornam imponderáveis certos fatos e dados. As situações observadas e que encheram os nossos olhos foram inúmeras e com significados diversos.

O diário de campo foi um instrumento auxiliar bastante valioso na pesquisa empírica. No diário foram arquivadas as primeiras impressões da vida local, além de informações relativas às atitudes dos indivíduos e à paisagem do Perímetro. Registramos, ainda, informações que podem ser classificadas como: públicas relacionadas às normas reguladoras da vida social local; confidenciais – aquilo que sendo público ou privado, pode ser mencionado, desde que seja resguardado o anonimato de quem forneceu as informações; segredos – que são fatos e informações conhecidas pelo grupo, que não devem ser comentadas com estranhos e, por último, informações privadas – que dizem respeito à vida particular de cada família, aos princípios éticos que orientam as atitudes e o comportamento dos indivíduos de acordo com o esquema definido por Jumber (1971: 43).

Optamos também por utilizar a entrevista semi-estruturada, orientada por um conjunto de temas, com o intuito de compreender as informações, a partir de um processo de regressão investigativa que remonta à trajetória de vida dos indivíduos, aqui chamados de informantes. O objetivo era compreender, em profundidade, os princípios, “indicadores” e outros referenciais cujos sentidos e significados traduzem a qualidade de vida das famílias/colonos do PISG.

Durante dezesseis meses, mantivemos contato permanente com as famílias residentes nos núcleos. Face à distância física entre um núcleo e outro, no momento de gravar as entrevistas, foi necessário particularizar as visitas, ou seja, ficávamos hospedadas por uma ou duas semanas na casa de uma das famílias dos colonos, sendo em um núcleo de cada vez, de acordo com a disponibilidade de tempo e a rotina de trabalho dos informantes.

Um aspecto importante é identificar o momento exato de fazer a abordagem com o gravador. É necessário ter cautela para não invadir a privacidade dos informantes como: a hora quase sagrada de assistir à novela, a “sesta”⁹ depois do almoço, principalmente, das mulheres, nem atrapalhar as atividades nos lotes, visto que a maioria dos colonos utiliza a mão-de-obra familiar e os pais e os filhos homens ficam o dia todo ocupados com o trabalho.

O horário determinado para gravar as entrevistas variava conforme a rotina de trabalho das pessoas. Por exemplo; os homens estavam sempre mais disponíveis no finalzinho da manhã, antes da hora do almoço, quando ficavam nos alpendres das casas fumando e descansando em cadeiras de balanço e no final da tarde, antes da hora do jantar, depois do banho, quando eles ficavam na parte externa das casas, conversando com os vizinhos. Já as mulheres eram mais acessíveis, dispunham-se a conversar a qualquer hora do dia, desde que não fossem impedidas de fazer as obrigações, quer dizer, conversavam enquanto cozinhavam, lavavam, passavam e costuravam. Nessas circunstâncias, a pesquisadora podia ficar do lado e conversar com elas sem problemas.

Já os filhos que trabalham nos lotes, obedecem à mesma rotina dos pais, sendo que os que estudam e trabalham, praticamente, não dispõem de tempo livre, o que dificultou encontrar uma hora disponível, para entrevistá-los. Algumas vezes, a única maneira de gravar uma conversa com eles era no próprio colégio. As filhas mulheres, da mesma forma que os homens, dividem o dia-a-dia entre escola e trabalho, fora ou dentro de casa, havendo mais facilidade de serem abordadas em casa.

Durante as entrevistas que se iniciavam com uma volta ao passado, o informante podia discorrer livremente sobre as situações que marcaram a sua trajetória de vida. No decorrer das entrevistas, as narrativas enfatizaram informações acerca da vida dos entrevistados, opiniões, valores, atitudes, processos de organização, reprodução e manutenção da família e do patrimônio. Tais temas, grosso modo, são denominados pelos cientistas sociais de dados subjetivos (Minayo, 2004:108). Nesse estudo, transformaram-se numa espécie de mix o comumente aceito como qualidade de vida e o que as pessoas, através do processo de imersão na sua história pessoal, são capazes de eleger como bens essenciais para garantir uma vida com qualidade.

Com o intuito de atingir nosso objetivo, procuramos res-

⁹ “Sesta” é um termo que define o descanso de depois do almoço. No Nordeste, também se utiliza muito as expressões “tirar um cochilo”, “tirar uma soneca”, sendo esta prática um hábito, um costume adotado pela maioria das pessoas.

gatar informações relacionadas à origem dos indivíduos: como era a vida dos seus pais, as atividades que desempenhavam, as condições de trabalho e moradia, as formas de sociabilidade. Enfim, desejávamos compreender as estruturas materiais e simbólicas responsáveis pela atribuição de sentidos e significados, a partir dos quais, são formulados juízos de valor que definem a qualidade da vida dos indivíduos e dos grupos. Amartya Sen (1996) assinala que essas estruturas adquirem visibilidade na compreensão do modo de vida, na cultura e nas razões práticas, refletidas nos valores mediante as atitudes e os comportamentos dos informantes.

6. PARA CONCLUIR: AS CATEGORIAS DE ANÁLISE E A ANÁLISE DE CONTEÚDO

Ao assumir a pesquisa qualitativa como orientação para a pesquisa de campo, procurou-se apreender no conjunto das informações obtidas, em especial, nas narrativas, os valores socialmente construídos pelos informantes e legitimadores do próprio habitus, que algumas vezes, revelaram-se contraditórios e, em outras, convergentes. Bourdieu (1974:182) explica a importância de conhecer uma dada realidade pela compreensão do habitus, porque através dele, podemos compreender que, mesmo os indivíduos não tendo absoluta consciência, cada um é produtor e reproduzidor das suas ações, uma vez que possuem, internalizado, um conjunto de disposições transferíveis que explicam as experiências passadas e articulam preocupações futuras.

A escolha da família, como informante central nessa pesquisa, e a busca da compreensão das relações interpessoais entre indivíduos e família, famílias e comunidade, remetem à análise de conteúdo, enquanto instrumento de análise dos dados. Isto é, “na medida em que os modelos culturais interiorizados são revelados nas entrevistas, eles refletem o caráter histórico, flexível e específico das relações sociais” (Minayo, 2004: 113). Por isto, procuramos interpretar as narrativas, contextualizando as falas, segundo as especificidades do gênero, da geração, da origem e do núcleo habitacional no qual o informante reside, exatamente, por entender que esse indivíduo, embora singular, reproduz o habitus de um campo social, ou de campos sociais diversos.

Com base nas explicações de Minayo (2004) sobre a análise de conteúdo, entendemos que esta técnica propõe um olhar relacional sobre o discurso. Nesse caso, sobre as narrativas, articulando os significantes com as estruturas sociológicas. Criando a possibilidade de ultrapassar o nível

superficial e atingir um nível mais aprofundado acerca do objeto investigado.

Como diz Maluf (1999), quando privilegamos a narrativa como instrumento para apreensão da realidade estamos valorizando a interpretação de um narrador, para quem o mais importante é a história da experiência individual, enquanto para nós o desafio é, ao reinterpretar e traduzir essa história, identificar as semelhanças e complementariedades entre o particular e o geral, sem contudo, fugir à verdade, mas reconstruir o itinerário de construção do pensamento do outro (Oliveira, 1998).

Os argumentos acima mencionados ajudam a esclarecer a maneira como foram construídas as categorias de análise que formam o mosaico deste trabalho. Analisando os relatos sobre as trajetórias de vida, percebemos que alguns aspectos emergiram e foram mencionados, reiteradas vezes, por indivíduos diferentes, ora motivados por aspectos diversos tais como a memória e as lembranças, ora construídos, exatamente, para satisfazer as expectativas do entrevistador. De toda forma, foi possível sistematizar as informações em categorias amplas, que agrupam os princípios relevantes para as famílias/colonas do PISG, sobre a sua qualidade de vida. Estas categorias são:

- Vida próxima da família, que implica na certeza de que a família exerce um papel central na projeção daquilo que os indivíduos esperam da sua própria vida e do mundo. A família de origem, o núcleo responsável pela transferência de valores que são internalizados e orientam as ações das pessoas. Ao mesmo tempo, a família é o objetivo maior, pelo qual se deve lutar. Ela é, também, um meio para viabilizar essa luta. Além disso, garantir o futuro dos filhos é obrigação da família e é, no futuro dos filhos, que reside o sentido e o significado das conquistas da própria família. Acrescente-se, ainda, a importância da proximidade dos membros da família, no sentido de perpetuar a aceitação de valores morais como companheirismo, ordem, obediência, respeito, virgindade, casamento, enquanto bens indispensáveis à vida.
- Vida num lugar onde é possível morar e trabalhar, que implica fazer referência à vida anterior, no sítio, para avaliar a qualidade da vida no presente – no PISG. O Projeto de Irrigação é avaliado em função de elementos como: paisagem, vizinhança, oportunidades, necessidades, sonhos e frustrações. Avalia-se o lugar também pelas pessoas que o fazem, analisando quem somos nós e quem são os outros. Distingui-se, ainda, a vida do campo da vida na cidade, as diferencia-

ções entre os núcleos habitacionais, a relação da comunidade com os poderes públicos, através do acesso aos serviços e às políticas públicas.

- Condição para realização (do colono/irrigante), que significa oportunidades para desenvolver aptidões e habilidades, ligadas ou não à agricultura; possibilidades de articular saberes advindos da tradição, como agricultores e filhos de agricultores e novos saberes próprios do produtor irrigante; relação com o Estado, através das políticas de crédito e assistência técnica para o meio rural; dinamismo nas atividades de produção e abertura para novos projetos.
- Estratégias de Continuidade e Reprodução, que estão relacionadas às possibilidades reais de reprodução da família, do patrimônio, assim como o crescimento do lugar e a sustentabilidade das novas gerações. Para as famílias, estas possibilidades dependem de elas serem reconhecidas como proprietárias dos lotes e também da ampliação do Projeto de Irrigação.

Estas categorias emergiram dos relatos das pessoas, a partir da interferência de elementos provocativos, utilizados no transcurso do diálogo. Esses relatos trouxeram à tona, como numa teia, fios que entrelaçam a vivência da subjetividade, num contexto específico com um discurso articulado sobre o devir, a razão, a apreensão da técnica, as possibilidades e oportunidades idealizadas no plano real da vida, segundo Tedesco (1998) e Vieira (2000). Esses fios, ao se juntarem, deram sentido aos fatos e às opiniões emitidas.

É importante destacar também o papel da memória como recurso para captar informações. Na memória, são armazenados os fatos, as pessoas e as paisagens que acompanham toda a nossa vida, “definindo o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, reforçando os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais” (Pollak, 1989). Essas informações transformadas em categorias assumem formas e significados que explicam o modo de vida das famílias e seus conceitos de qualidade de vida. A originalidade dos fatos, ações e comportamentos descritos pelas famílias e sobre a qualidade e o estilo de vida no PISG, em certa medida se assemelham ao que Maria Dione Moraes (2000) chama de narrativas eclipsadas, isto é, uma leitura particular, não dominante e quase invisível acerca de um mundo concreto e simbolicamente retratado por quem o vivencia, dado que não pode ser desmerecido cientificamente, apenas, porque o percurso teórico-metodológico que conduziu a pesquisa manteve-se articulado a uma racionalidade mais compreensiva e qualitativa.

Como cientistas sociais sabemos que, ao acessar a memória, a trajetória de vida e a biografia dos indivíduos e grupos não podemos ignorar que o resultado produzido não pode ser o ponto de vista do objeto. O papel do pesquisador é (re) situar o objeto no espaço social, objetivando-o (Bourdieu, 1999). Portanto, a experiência apresentada e analisada foi mais um exercício de imaginação sociológica. Acreditando que o fazer sociológico criativo é um recurso que possibilita superar os desafios, mediante um diálogo profícuo entre a teoria e os imponderáveis aspectos da realidade empírica, *locus* em que se produz a continuidade do exercício da pesquisa sociológica, como diria Wright Mills (1982).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. Ouvir, contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV. 2004, p.17.

ALVES, S. A. Análise comparativa da qualidade de vida entre os pequenos produtores rurais do Agreste de Itabaiana e do sertão sergipano. Viçosa: UFV, 1986. Dissertação Mestrado

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. (trad.) Vallandro, L.; Bornheim, G. São Paulo: Nova Cultural, 2003, p.44.

_____. A Política, Brasília, (trad.) Guimarães, T. São Paulo: Martin Claret. 2003.

BARROS, M. M. L de. Densidade da memória, trajetória e projeto de vida. Estudos Feministas, v.5, n.1, p.140-146, 1997.

BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva. 1974, p.182.

BOURDIEU, P. Sociologia. (org.) ORTIZ, R. BOURDIEU, P. São Paulo: Ática, (Coleção Os Grandes Cientistas Sociais). 1983, p.16.

BOURDIEU, P. Compreende. A miséria do mundo. Rio de Janeiro: Vozes. 1999.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. O ofício de sociólogo. Petrópolis: Vozes. 2004. 54p.

- FUKUI, L. G. Sertão e bairro rural. São Paulo: Ática. 1979. 257p.
- GALESKI, B. Problemas sociológicos de la ocupación de los agricultores. In: Campesinos y sociedades campesinas. Theodor Shanin. México: Fondo de Cultura Económica. 1979.
- GUERRERO, S.; HOYOS, L. E. A. Qualidade de vida: opção teórica e metodológica. Revista de Economia Rural, Brasília, v.21, n.2, p.173-192, 1983.
- JUMBER, B. M. Situação do trabalho de campo: papéis sociais para observação. In: A Importância do trabalho de campo. Introdução as Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Hedados, 1971 p.40-89.
- LAMARCHE, H. Introdução Geral. A agricultura familiar. Campinas: UNICAMP. 1993, p.68.
- _____. 1. A agricultura familiar: uma realidade multiforme; 2 do mito à realidade. Campinas: UNICAMP. 1993/1998.
- LE GOFF, J. "História", in História e Memória. Portugal: Imprensa Nacional, Enciclopédia Einaudi, v.1, 1984, p.158-259.
- MALUF, W. S. Antropologia, narrativas e a busca de sentidos. Horizontes Antropológicos. (Número temático: Cultura Oral e Narrativas) ano 5. n.12, p.69-82. 1999.
- MILLS, W. A Imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1982.
- MINAYO, M. C. de S. O Desafio do Conhecimento. São Paulo: Hucitec. 2004, p.108.
- MORAES, M. D. C. Memórias de um sertão desencantado (modernização agrícola, narrativas e atores sociais nos cerrados do sudoeste piauiense). Campinas: UNICAMP, 2000. Tese Doutorado
- NEVES, D. P. Os dados quantitativos e os imponderáveis da vida social. Revista de Ciências Sociais e Econômicas, Campina Grande, n.17, p.68-77, 1998.
- NUSSBAUM, Martha C. & SEN, Amartya (compilado- res). (1996), La calidad de vida. México: D. F, Fondo de Cultura Económica.
- OLIVEIRA, P. S. (1998). Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. In: OLIVEIRA, P. S (org.) Metodologia das ciências humanas. São Paulo: Hucitec.
- POLLAK, M., Memória, esquecimento e silêncio. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989.
- QUEIROZ, M. I. P. de. Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva. Cadernos CERU. São Paulo: USP, 1983.
- SEGALEN, M. Sociologia da família. (trad.) Silva, A. S.). Lisboa: Terramar. 1996.
- SETTON, M. da G. J. A categoria "estilo de vida" nas obras de Simmel e Bourdieu: Uma aproximação sociológica. Idéias, Campinas, v.7, n.2, p.47-71. 2000-2001.
- TEDESCO, J. C. Terra, Trabalho e Família: racionalidade produtiva e ethos camponês. Passo Fundo: EDIUPF. 1998
- TEPICHT, J. Marxisme et agriculture: Le Paysan Polonais, Paris: Armand Colin. 1973.
- THOMPSON, E. A miséria da teoria ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar. 1981.
- VIEIRA, F. X. Terras de promessa: expressões de qualidade de vida entre o vivido e o concebido. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2000. Dissertação Mestrado
- WEBER, R. Relatos de quem colhe relatos: Pesquisa em história oral e ciências Sociais. Revista Dados. Rio de Janeiro, v.39, n.1, p.163-183, 1996.
- WOORTMANN, K. O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: UNB. 1997.
- _____. Casa e família operária. Anuário Antropológico, n.80, Fortaleza/Rio de Janeiro: UFC. Tempo Brasileiro. 1981, p.70.